

Ciberliteratura, geopersonagens, cultura *pop* e tecnoexperiência — quatro pontos de leitura para *Favelost: (The Book)* de Fausto Fawcett

CIRO LUBLINER *

RESUMO: este artigo se concentra em quatro pontos de leitura possíveis para o livro *Favelost: the book* (2012) do escritor carioca Fausto Fawcett. Pautando-se em algumas pontes conceituais, sobretudo nas ideias de cibercultura de Pierre Lévy e de desterritorialização de Gilles Deleuze e Félix Guattari, buscamos, de alguma forma, refletir sobre as multiplicidades e heterogeneidades presentes neste livro. Outros importantes aspectos balizam *Favelost: (the book)*, tais como a questão do espaço urbano, através de uma personagem geográfica, a Mancha Urbana, e de toda uma produtora cultura pop. Visitamos finalmente a ideia de experiência em narrativa, buscando observar como a tecnologia informática e digital imprimiu ecos e efeitos na literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Ciberliteratura; Espaço Urbano; Experiência; Fausto Fawcett; *Favelost: the book*.

ABSTRACT: This article focuses on four possible points of reading *Favelost: the book* (2012) written by the Brazilian writer Fausto Fawcett. Based on some conceptual bridges, especially on Pierre Lévy's ideas on cyberculture and on Gilles Deleuze and Félix Guattari's concept of deterritorialization, we seek to cope with the exposed multiplicities and heterogeneities present in this book. Other important aspects mark out *Favelost: (the book)*, such as the issue of urban space through a geographical character, the "Urban Stain", and a whole productive world, brought out by pop culture. Finally, we visit the idea of experience in narratives, searching for how the development of digital technology in our times generated effects and echoes in the literature.

KEYWORDS: Cyberliterature; Experience; Fausto Fawcett; *Favelost: the book*; Urban Space.

* Mestre em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo - USP. Doutorando em Tecnologias da Comunicação e Estéticas na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ - 22290-240 - Praia Vermelha - Rio de Janeiro - Brasil. E-mail: ciro.lubliner@gmail.com

Introdução

Pelo fato de ser um escritor e artista ainda pouco conhecido, distante de qualquer cânone literário e habitante de uma espécie de margem ou subterrâneo da cultura brasileira, acreditamos que se faz necessária uma breve exposição biobibliográfica do autor sobre o qual nos debruçaremos neste estudo.

Fausto Fawcett (originariamente Fausto Borel Cardoso, tendo adotado o sobrenome “Fawcett” em homenagem e por admiração à atriz estadunidense, Farrah Fawcett, famosa por ser uma das três integrantes do seriado *As Panteras*) nasceu na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1957. Sua primeira aparição mais direta, de projeção artística nacional, ocorreu através da música em 1987 (durante os anos 80, era figura conhecida apenas na noite carioca, realizando performances que misturavam poesia, teatro e música). Com a banda Os robôs efêmeros, lançou seu disco de estreia, emplacando o *one hit wonder*: “Kátia Flávia, Godiva do Irajá” (regravada, com êxito comercial, por Fernanda Abreu nos anos 90). Na literatura, estreou em 1990 com *Santa Clara Poltergeist*; seguido por *Básico Instinto*, de 1992; *Copacabana Lua Cheia*, de 2001; o livro que analisaremos aqui, *Favelost: (the book)*, é de 2012, e *Pororoca Rave*, de 2015, é seu mais recente trabalho publicado.

Expandindo o que já constituía uma produção bem plural, realizou ao longo dos anos trabalhos como jornalista, dramaturgo e ator. Protagonizou algumas incursões televisivas, como no seriado *Vampiro Carioca*, transmitido pelo Canal Brasil em 2010 e 2011, e cinematográficas, com o recente filme *Vampiro 40º*.

Como indicam os títulos de quase todas as suas produções, seu enfoque e seus interesses principais privilegiam o ambiente urbano carioca, concentrador e disseminador de fabulações que, para Fawcett, são disparadas a partir de personagens e encontros entre o mundano e o estelar, o erótico e o pudico, o político e o alienado, e, principalmente, entre as ditas alta e baixa culturas (veremos, no entanto, como Fawcett escapa e parece furar esta lógica dualista, por meio da mistura e da composição coletiva desses polos aparentemente opostos de atuação). Sua trajetória está bastante ligada à circulação por bairros e endereços da capital fluminense, pelos seus subúrbios e, sobretudo, pela vida boêmia da cidade.

Parece-nos que, em *Favelost: (the book)*, Fawcett transporta a níveis ainda mais radicais todas as suas práticas artísticas e os aspectos que o atraem para a criação. Por meio de uma narrativa fragmentada – como na reprodução de sinais de transmissão radiofônica recorrentemente interrompidos –, o escritor compõe 78 capítulos de extensões variáveis, nos quais acompanhamos a odisséia urbana de dois personagens, Eminência Paula e Júpiter Alighieri, que atravessam e são atravessados por uma ciberguerra em andamento, expositora de estranhos personagens e cenários de caos e barbárie que tomam conta da narrativa.

A seguir, expomos quatro perspectivas que nos chamaram atenção ao longo da leitura e da reflexão sobre este livro. Realizamos esta tarefa com o intuito de relacionar teoricamente a literatura com a filosofia, sem que, com isso, o texto literário perdesse foco, pelo contrário. Esta aproximação ficará evidente principalmente através das bases filosóficas adotadas, a saber: o pensamento de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Pierre Lévy. No caso da teoria literária, nos apoiaremos em textos de Walter Benjamin e Flora Süssekind.

Ciberliteratura

Favelost: (the book) marca uma espécie de ciberliteratura alinhada com as mais atuais e pressentidas anunciações de um porvir cada vez mais presentificado. Não se trata, aqui, simplesmente da denominação de ciberliteratura no sentido de fazer referência a poemas, contos ou textos literários de diferentes tipos que hoje não ocupam somente as páginas de livros em celulose, mas também *sites*, *blogs*, revistas eletrônicas etc. A ciberliteratura pensada neste estudo é aquela que é contaminada e se deixa contaminar pelas mais diversas propriedades particulares infringidas quando abordamos a questão da invasão virtual¹, dos meios e das novas formas combinatórias de relação entre as pessoas em termos individuais e coletivos. A definição de ciberliteratura aqui adotada diz respeito, então, à utilização de termos e ambientações que dialogam diretamente com a experiência contemporânea da tecnologia e do virtual, e que situa suas narrativas em contextos históricos e geográficos de um porvir que nos parece cada vez mais próximo (diferentemente da ficção científica produzida nos anos 60 e 70 do séc. XX, que se fixava em um futuro algo distante). Neste sentido, a ciberliteratura não só toma para si os dados das novas tecnologias, de vocabulários e atividades próprias, mas passa a injetar, na própria narrativa, efeitos dos tempos no qual vivemos e podemos ainda viver. Veremos, adiante, como estas injeções operam no livro de Fawcett. Antes, porém, cabe salientar que a ciberliteratura é uma das práticas derivadas de uma dita “cibercultura”, proveniente de um “ciberespaço”. Estas noções foram definidas com bastante precisão por Pierre Lévy, e é nelas que nos apoiamos quando falamos de uma ciberliteratura:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17).

Quanto à escrita de Fausto Fawcett, podemos dizer que as novidades promovidas pelas tecnologias digitais se tornam a própria matéria-prima de seu conteúdo, na composição de um texto que nos dá, a todo instante, a impressão de atuar com um tom profético, futurista, mas que ao mesmo tempo diz bastante do presente e mesmo do passado. Uma confusão de tempos se dá por meio de uma operação temporal transtornada, onde as informações dadas acabam por situar e tornar datadas personagens e acontecimentos, ao mesmo tempo em que sempre propõem um jogo de mistura, embaralhando fatores históricos pensados de maneira estanque. Neste caso, atenua-se a importância do formato no qual se inscreve o texto, no qual tem sua via de publicação e divulgação, para incorporar efetivamente os dados que

¹ Por “virtual” não estamos nos referindo ao conceito criado por Deleuze e Guattari (1997) e adotado por Pierre Lévy (1996), mas somente a espaços como a internet, advindos das tecnologias informáticas.

nos permitem identificá-lo como pertencente, em seu cerne, a uma ciberliteratura. No livro de Fawcett, robôs, pedaços de corpos humanos, câmeras de vigilância, centros de controle e laboratórios de inseminação artificial convivem desarmonicamente, no caos da Mancha Urbana de nome Favelost.

Trata-se de verificar, também e, talvez, principalmente, como a influência de todo um arsenal de invenções, da acumulação de imaginários provenientes da vasta gama de mídias a que hoje temos acesso (do cinema à televisão; das histórias em quadrinhos aos *games*), parece rearranjar e transmutar a própria escrita, marcando alguns pontos de diferença em sua produção, com referências diretas a uma cultura *pop*.

Fausto Fawcett é uma *persona*, um personagem em si. Observamos através de suas declarações em entrevistas, bem como nas notas de sua trajetória que sua atuação e produção múltipla e frenética no campo da arte e da cultura, acaba, ao realizar o transporte da vida à arte, ou seja, ao incorporar as próprias experiências que vivencia e testemunha ao seu redor, por processar e carregar sua escrita de movimentos seminais, tornando-a verborrágica e intensa. Uma de suas características mais importantes, que confere riqueza ao seu texto, é a de fazer uso constante do chiste e do deboche, jogando com a recriação de provérbios e sabedorias populares, mediunidades e mundanidades (a relação entre o metafísico e o físico), máximas e aforismos filosóficos, na alternância entre as ditas alta e baixa culturas, ao ponto de fazer com que estas distinções percam o sentido, escapando, deste modo, de maniqueísmos sempre prontos a invadir qualquer forma de discurso, dualismos geradores de juízos de valor e hierarquias. Nada é superior ou inferior, melhor ou pior; no livro de Fawcett não há bom ou mau gosto, a validade das coisas está sempre na sua capacidade de mescla, de mistura e entrega, das relações e dos encontros daí resultantes. Nas criações do autor carioca se faz ainda presente o uso repetitivo e reiterador de neologismos, junções de palavras e trocadilhos.

O surgimento do Homo Zapiens, mistura de silício e carbono, animáquina de códigos, existencialista pré-pago: o código, o crédito, a senha precedem a essência. Milhares visitam todos os dias a Escolinha do Professor Frankfurt. Monumento holográfico ao Humanismo Crítico, como se visitavam índios ou favelados nas comunidades e periferias. Uma curiosidade situada no hangar dos golens vitalinos (FAWCETT, 2012, p. 168).

É desta maneira que uma primeira diferença parece ser fabricada na narrativa: ligando a ciberliteratura à escrita de Fawcett podemos dizer que ambas são como o que diz Pierre Lévy no tocante à cibercultura: que ela é “desde o princípio perfurada por túneis ou falhas que a abrem para um exterior inassinalável e conectado por natureza (ou à espera de conexão) com pessoas, com fluxos de dados” (LÉVY, 1999, p. 149).

Uma segunda diferença gerada por uma ciberliteratura reside na própria narrativa descentralizadora que é a de *Favelost: (the book)*. Esta se apresenta de forma dispersa e plural (característica passível de ser atribuída também ao ambiente virtual, à *internet*), sendo dividida em 78 capítulos interrompidos, muitas vezes, de forma abrupta e inconclusa. Ela é alimentada por uma espécie lisérgica de ficção científica — produção fantasiosa que carrega uma escrita

delirante mesmo quando sintonizada com fatores cotidianos —, entremeada por uma ciberguerra (nunca se sabe exatamente se estamos habitando um ambiente concreto, físico ou um virtual, digital) de contornos de múltiplas ordens: urbanas, econômicas, telemáticas, antropológicas, filosóficas, artísticas etc. O livro captura também o resultado de indagações fabricadas por uma intensa globalização, pela miscigenação constante de tradições, culturas e saberes. A voz narrativa do texto de Fawcett é alternada entre um narrador onisciente e a fala de personagens — iniciadas por aspas ou não, como citações que dão voz direta a elas. Dados estes indícios, observamos que não há um centro principal plenamente esclarecido na narrativa, a enunciação da escrita se esboroa, recorrentemente, na ausência de um núcleo definidor. Para estabelecer uma analogia com a informática e com o próprio surgimento do espaço virtual, citemos Pierre Lévy:

O computador não é mais um centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante. Suas funções pulverizadas infiltram cada elemento tecno-cosmos. No limite, há apenas um único computador, mas é impossível traçar seus limites, definir seu contorno. É um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em algum lugar, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si (LÉVY, 1999, p. 44).

A ciberguerra no livro de Fawcett é fruto de estados de sítio, de emergências que não possibilitam mais uma identificação de atores estanques e facilmente perceptíveis (como na primeira ou segunda guerras mundiais, onde os lados do confronto eram bem claros e se tinha certeza de contra quem ou o que se lutava). Neste caso, a guerra está solta no espaço, nos territórios, podendo surgir a cada instante de forma diferente, com envolvidos e motivos novos e surpreendentes: os focos de atenção são diluídos sob a forma de crises proeminentes. Este tipo singular de guerra está em conjunção com a própria experiência computacional, tecnológica. Interessante é notar como as variações utilizadas para o termo “ciber” surgem e se disseminam a partir de uma relação direta com a literatura, e a exemplo do que ocorre em *Favelost: (the book)*, ligada a condições conflituosas. De acordo com Lévy:

A palavra “ciberespaço” foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção científica *Neuromante*. No livro, esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural (LÉVY, 1999, p. 92).

O ciberespaço passa então a ser o lugar no qual os conflitos vigentes no plano social e concreto também se fazem presentes. Existem, inclusive, casos em que ele é o próprio local de catalisação de crises e divergências (o mais recente evento deste tipo obteve grande repercussão na mídia, quando *hackers*, possivelmente norte-coreanos, invadiram o *site* da empresa Sony, em represália ao lançamento do filme *A Entrevista*, que narra as desventuras de uma dupla de estadunidenses que, ao conseguirem uma entrevista com o ditador Kim Jong-un, acabam investidos pela CIA da missão de assassinar o líder norte-coreano).

O ciberespaço não substitui o espaço físico, real; na verdade, ele atua como extensão e expansão geográfica de suas fronteiras. Ele carrega para dentro de si e continua a lidar com

vários fatores da própria condição humana, emergentes principalmente a partir da revolução industrial e da ascensão de uma sociedade capitalista - fatores, esses, notadamente econômicos e comerciais. A ciberliteratura é, portanto, vetor fulcral das manifestações ocorridas no contemporâneo. O próprio narrador do texto de Fawcett afirma que os programadores, os engenheiros de computação e os *hackers* são os novos artistas, os grandes inventores e propulsores da humanidade nos tempos atuais:

Não adianta, meu caro, Vinton Gray Cerf, Paul Baran, Jonathan Postel, Tim Berners-Lee, Steve Jobs, Steve Wozniak, Bill Gates, Shawn Fanning, Sergey Brin, Larry Page, Mark Zuckerberg, entre outros, são, sim, os Da Vincis desta época digital (FAWCETT, 2012, p. 205).

Notamos, portanto, como a narrativa desenvolvida pelo escritor carioca está em sintonia, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, com aspectos ligados à ciberliteratura e com componentes da revolução digital, além de contextos contemporâneos de sobrevivência em um mundo invadido pelo consumo, pela globalização, pelo neoliberalismo, por conflitos e tensões diárias, pela disciplina, pela vigilância e pelo controle.

Personagens/Geografias

Em *Favelost: the book*, temos a aparição – pois é quase desta maneira que as coisas se dão no livro, em um surgir e desaparecer repentino, fugaz – de algumas personagens, sendo duas delas as mais recorrentes, e que acabam tendo suas vozes disseminadas em alguns capítulos por meio dos codinomes Júpiter Alighieri e Eminência Paula. Além destas duas, as personagens que se apresentam são sempre pertencentes a espécies de clãs, participantes de seitas, como, por exemplo, a Juventude Xamanista, Os Sibilantes e os Humanistas. Nesses casos, as singularidades e as individualidades são eclipsadas em detrimento da exposição de coletivos, sempre portadores de uma face conformadamente homogeneizada, porém múltipla, já que conjugam e concentram diversas crenças, práticas e/ou doutrinas. Isso expõe a proximidade que pode haver entre os extremos, podendo, inclusive, ambos se equivalerem em certas ocasiões. Daí os radicalismos exacerbados. Fawcett alcança assim conjuntos impensados através da combinação de estereótipos sociais, culturais, filosóficos, políticos, artísticos, publicitários etc. Em espécies de *mashups*² de estereótipos ideológicos, o escritor carioca dá vida a massas coletivas de face homogênea. As personagens construídas por Fawcett parecem se coadunar com as perspectivas bastante relevantes de Flora Süssekind no tocante à relação entre a criação literária e o meio urbano mergulhado na globalização:

é via vitimização e figurações proteicas, aberrantes, que parece possível engendrar retratos ficcionais, subjetividades literárias, representações disformes

² Os *mashups* são músicas e/ou vídeos frutos de práticas de mixagem cada vez mais em voga na internet, por meio de canais como o YouTube. Eles resultam da mistura de dois ou mais vídeos e/ou músicas geradora de recombinações transformadoras de sentido.

da diferença, corpos culturais híbridos em estreita ligação com um processo histórico de redefinição de identidades e das formas de agenciamento social (SÜSSEKIND, 2005, p. 69).

Outro desses personagens, componente ainda de uma massa *sem rosto*, é a “Intensidade Vital”, uma empresa que presta serviços de cura psicológica, social e sentimental, dizendo eliminar qualquer sinal de melancolia ou misantropia nos seres humanos. Cabe salientar que a existência de uma corporação desse tipo não nos parece tão estranha nos dias atuais, pois é bem provável que tenhamos em nossa realidade grupos que afirmam sanar estes tipos de diagnósticos, com tanta ou mais verossimilhança que a própria personagem ficcional (livros e *workshops* de autoajuda prometendo “superação”, igrejas garantindo “um rumo e um sentido para a vida” e a indústria farmacêutica entregando as mais diversas “curas” são pontes diretas nessa direção). O problema se revela na própria base ideológica e nos métodos aplicados com o passar dos séculos e das décadas em instituições como, por exemplo, as psiquiátricas e carcerárias (o filósofo Michel Foucault é certamente uma referência para os estudos neste sentido).

Toma-se por verdade inexorável em nossa sociedade uma noção de felicidade fundamentada no puro hedonismo (a realização de qualquer forma de desejo na hora que bem se quiser) e na ascensão social (circular pelos lugares “mais bem frequentados”; interagir com “pessoas influentes”), o que obscurece o fato desta ideia ser apenas mais uma construção, sempre mutante, e bastante subjetiva, afinal, a alegria ou o êxtase não são atingidos por uma única e mesma via. Uma instituição como a Intensidade Vital espelha, no livro, o tempo no qual vivemos: de exigências e imposições pessoais – seja pelo Estado, pelo mercado ou pela própria sociedade:

Intensidade Vital, firma internacional de supletivo existencial. Pega rapaziada misantropa, em colapso de relação com o mundo, e oferece serviços de ascese, de agulhação do ego, levando a pessoa a encarar situações de risco, de desgraça, de doenças terríveis, aprendizados tecnológicos servindo de cobaias para experiências, enfim, preparando essa rapaziada pra ser soldado universal da Intensidade Vital, capataz de Humanistas em Favelost (FAWCETT, 2012, p. 13).

Apesar da identificação de todos estes componentes, nos parece que a grande personagem deste livro é, na verdade, uma geografia, um território sem contornos — uma espécie de *geopersonagem* — chamada *Mancha Urbana*: a própria Favelost. É neste local que os eventos ocorrem, por onde todos atravessam e são atravessados. Este território dado a um transbordamento — já que suas fronteiras nunca podem ser plenamente delimitadas, elas se espalham como uma mancha que não estanca — parte de uma estranha demografia, uma mancha urbana fruto da união dos dois maiores centros urbanos brasileiros: São Paulo e Rio de Janeiro (que resultam, segundo Fawcett, na dita megalópole *Rio Paulo de Janeiro São*).

Esta nova cartografia impõe ao território um formato que prima pela deformidade, algo que se alastra aos poucos, e que não se pode calcular em que ponto irá delimitar suas bordas, fixar seu limite. A Mancha Urbana é, pois, o desenvolvimento, a transformação da lógica da urbe.

Este território sem fronteiras delimitadas se apresenta como um novo espaço de migração. A Mancha Urbana causa uma nova forma de êxodo. No passado e ainda no presente, assistíamos e assistimos a movimentos predominantes de migração de zonas rurais para zonas urbanas. Já em Favelost, este êxodo se dá dos centros urbanos para a grande Mancha Urbana – configurando assim uma nova diáspora humana que passa de um meio urbano a outro ainda maior, que tem as suas dimensões exacerbadas em todos os sentidos. A exemplo do que ocorre com as identidades, os territórios também sofrem com o cruzamento e o embaralhamento de fronteiras na produção de misturas as mais diversas: geográficas, históricas, culturais. O que aconteceria se São Paulo e Rio de Janeiro, cidades que possuem características notadamente distintas, se tornassem uma só?

Favelost é um centro urbano gigantesco que engole antigas cidades e rodovias. A via Dutra, estrada que liga atualmente São Paulo e Rio de Janeiro, e as cidades que existem na borda de toda a sua extensão, são como que devoradas, funcionando apenas como pontos de localização de um passado remoto, ilustrado por navegadores digitais obsoletos:

Na boate Candomblé de Açogue Solto. Paula, Eminência Paula, sai da boate perto da onde outrora tinha uma estrada para os esgotos da cidade de Lavrinhas. Ou seria Salesópolis? Ou seria Campos do Jordão? Impossível descobrir agora que a Mancha Urbana chegou atropelando tudo e as cidades viraram lembrança de detalhe, totalmente coberto, totalmente tomado pela invasão imobiliária, demográfica, industrial de Favelost. Os marcadores de GPS têm uma vaga lembrança das cidades que compunham o Vale do Paraíba, às margens da Via Dutra. Não é Canudos, não é Las Vegas, não é Palmares. É Favelost, isso é o que é (FAWCETT, 2012, p. 81).

Alguns dos fantasmas que atualmente assombram os grandes centros urbanos brasileiros, como a violência e a intensa especulação imobiliária, são utilizados pelo escritor carioca como mote para a composição dessa nova formação geográfica em constante mutação, tal qual um gene que sofre alterações com o passar do tempo. Um meio urbano ainda mais exagerado se torna espaço essencial de compartilhamento e acesso, mas com antigos problemas ainda mais evidentes, com ações de monitoramento e vigilância ainda mais patentes, sobretudo com a utilização de tecnologias ditas futuristas (mas quem sabe nem tanto, já que o próprio futurismo é, muitas vezes, metáfora do próprio presente) a serviço do controle de uma população à deriva, nômades soltos em Favelost:

Alighieri vai atravessando a multidão, que desfaz a clareira. Vai andando com uma cabeça na mão, depois joga numa lixeira, que tem ligação com laboratórios neurológicos; e a cabeça vai pra pesquisa. Chacrinha chega repentino na cabeça de Júpiter, e ele pergunta, rindo pra si mesmo: Vai pra pesquisa ou não vai? Como tudo em Favelost. Pra cada beijo e facada, existe uma coisa pesquisada. Monitorada. Viglada. Recriada (FAWCETT, 2012, p. 142).

A Mancha Urbana pode ser lida também como análoga ao próprio ciberespaço, na medida em que confere uma espécie de *desterritorialização*, escapando do ideário moderno de território (LÉVY, 1999, p. 204). A participação do virtual torna-se ainda mais ativa, ao

ponto de se confundir com o material, com o concreto. Assim como esta peculiar *Mancha*, o ambiente virtual borra e chega a apagar fronteiras, gerando um diálogo entre cartografias.

O conceito de *desterritorialização*, concebido por Gilles Deleuze e Félix Guattari, parece auxiliar na compreensão dos movimentos realizados pela escrita de Fausto Fawcett em *Favelost: (the book)*. Segundo os pensadores franceses, desterritorializar é:

fazer do fora um território no espaço, consolidar esse território mediante a construção de um segundo território adjacente, desterritorializar o inimigo através da ruptura interna de seu território, desterritorializar-se a si mesmo renunciando, indo a outra parte... (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 09-10).

Neste sentido — por meio de uma escrita incessante e fragmentada — é como se o escritor carioca desterritorializasse a própria narrativa dita clássica, no romance e na literatura. Os enredos e personagens estão como que soltos, pairando ao longo do seu texto, sem que constituam uma linha narrativa bem definida, certa de si e pautada em início, meio e fim (mesmo quando embaralhados). A territorialização, segundo Deleuze e Guattari, é a definição e o controle, o esquadramento de limites, a imposição de códigos fixos. Esta prática não encontra abrigo no livro de Fawcett. Já uma reterritorialização, a criação de novos códigos flexíveis, é realizada incessantemente pelo escritor de *Favelost: (the book)* na forma de manifestações de constante ressignificação, no traçar de linhas de fuga³, que incidem em forças que escapam a delimitações. Podemos então pensar no caso da imensa *Mancha Urbana*, espaço que não se sabe até onde pode ir, estendendo suas fronteiras. A ideia de mobilidade (não necessariamente física, já que ela pode ser uma mudança de rota local, ou mesmo no âmbito do pensamento), frequenta todas as personagens de *Favelost: (the book)* se encontrando, e em especial no caso de Júpiter Alighieri e Eminência Paula, em constante ação de deslocamento.

As temáticas do meio urbano se fazem extremamente pertinentes no caso da literatura, já que desde o final do século XVIII as cidades vieram ganhando cada vez mais importância, sendo somente assim possível a existência de um Estado moderno, que nasce, se instala e ascende em definitivo dentro de uma lógica cidadina. No Brasil, a partir do intenso processo de industrialização ocorrido nas décadas de 60 e 70 do século XX, a população das capitais e de outros grandes centros urbanos cresceu vertiginosamente, enquanto que em âmbito mundial ultrapassamos nos últimos anos a marca de 50% da população residente em cidades (sendo que nos ditos “países em desenvolvimento” a população em regiões metropolitanas dobrou de tamanho, de 1975 a 2000⁴). É neste fator que reside a força de territorialização e reterritorialização da própria *Mancha Urbana*, em sintonia com os dados estatísticos que apontam para um crescimento cada vez maior dos limites das cidades, expostos —

³ Esta noção também deriva de Deleuze e Guattari (1997) quando trabalhando o conceito de desterritorialização. Ela diz respeito à invenção de formas escapes a códigos preestabelecidos, em qualquer área na qual estivermos nos debruçando, em nosso caso, na literatura.

⁴ Dados retirados da seguinte fonte: PNUMA/IBAMA. *Estado do Meio Ambiente e Retrospectivas Políticas: 1972-2002*. Disponível em: <http://www.wwiuama.org.br/geo_mundial_arquivos/cap2_%20socioeconomico.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2015.

principalmente nos países de terceiro mundo — a uma urbanização desordenada, sem qualquer forma de planejamento ou estrutura, sendo talvez as mazelas sociais os códigos ou ferramentas de controle mais desejados e manejados pelo Poder, pois acarretam e mantêm uma grande parcela do povo sempre carente, necessitada e dependente.

Além do alastrar urbano real, Favelost (ou a Mancha Urbana, ou a grande megalópole, ou Rio Paulo de Janeiro São) se aproxima de outro rearranjo territorial sem começo nem fim, desenhando-se da mesma maneira como a que Pierre Lévy compreende o espaço da virtualidade, traçando uma cartografia digital, ao dizer: “cada mapa invoca um território futuro, e os territórios do ciberespaço são recobertos por mapas que retraçam outros mapas, em abismo” (LÉVY, 1999, p. 208). Neste momento se inserem tanto os dados de uma reterritorialização quanto os de uma desterritorialização nos moldes de Deleuze/Guattari, pois, se por um lado a tecnologia digital, o virtual, possibilitou novas formas de vigilância e controle, ela também trouxe novas possibilidades de mixagem, contato e engajamento — político, amoroso-sexual, artístico, etc. Portanto, inventar outras estratégias de dissolução e fuga de poderes instituintes de controle também se tornou factível com o virtual. As personagens de Favelost correm contra um tempo impreciso (mesmo quando cronometrado, em contagem regressiva) na rota de colisão de corpos desejantes de descodificações através de contato físico e sexual.

Eles vão se falando pelo Twitter especial. Internet incrustada numa bússola do século XVII. Twitter que tem criptografia cabalística, ou seja, só funciona com frases de amor que só eles, Júpiter e Paula, sabem camuflar em números e letras e palavras, e, quando acabam de falar, ele vai indicando pela bússola a direção dos dois. De um pro outro. Bússola-twitter de *groove* cabalística. Acontece que eles já tiveram uma temporada de coitos na Intensidade Vital. Se enamoraram das suas misantropias e mandaram bala sexual durante certo período em que passaram por treinamentos e aulas na sede da firma de supletivo existencial. Amor vigiado, paixão controlada, sexo monitorado. Rezas de ladainha amorosa (FAWCETT, 2012, p. 107).

Tal qual na vida dos nômades, em nenhum momento do livro de Fawcett vemos propriamente a ideia de pertencimento a um local, da posse de um lar – trata-se sempre de atravessar, desbravar a megalópole rumo aos encontros, sem que se saiba com o que ou com quem exatamente se deparará.

Todas as personagens aqui mencionadas, com nomes sempre iniciados em letras maiúsculas, integram um grupo que chamamos de *geopersonagens*. A ideia de uma sutil aproximação entre a área da geografia, do traçar de uma topografia territorial, com a literatura, torna-se muito interessante na medida em que nos permite situar e pensar nas personagens literárias não apenas como possíveis sujeitos físicos e psicológicos, mas como espaços⁵, nos quais transitam livremente uma diversidade de características. Preferimos pensar nas personagens como mapeamentos de territórios repletos de ideologias, modos

⁵ Esta ideia descende também do pensador francês Maurice Blanchot, que publicou, em 1955, um livro chamado *O espaço literário*.

de vida e discursos, onde se encontram códigos (que podem ser desativados, decodificados através da narrativa). A *Mancha Urbana*, *Favelost*, talvez seja o exemplo mais explícito de uma geopersonagem, posto que diz diretamente de um território, no entanto, as corporações citadas ao longo do livro (Intensidade Vital, Sociedade Vórtice, Bio-Ser, Speed Darwin, etc.) ou, mesmo, figuras-protagonistas como Eminência Paula e Júpiter Alighieri podem ser também assim pensadas, já que se encontram na mesma multiplicidade de atos, posturas e vozes.

Cultura pop

A começar pelo título *Favelost: (the book)*, é possível identificar uma relação desta obra com contextos provenientes de outros formatos que não a literatura como, por exemplo, a televisão. Este título, junção das palavras “Favela” (sinônimo, nos programas policiais e sensacionalistas, de um local onde a pura barbárie urbana atua em meio a batalhas campais diárias) e do inglês “Lost”, que faz evidentemente referência não apenas à tradução direta “perdido(s)”, mas também ao seriado norte-americano de grande sucesso no início do século XXI. Há, ainda, a expressão entre parênteses, em língua inglesa, “(the book)”, “(o livro)”, que funciona como outro jogo referencial, transmitindo a ideia de que este livro pode ser uma versão, espécie de adaptação de uma obra previamente lançada em formato distinto (televisivo? Cinematográfico?).

A influência de uma cultura *pop*, tanto no sentido desenvolvido a partir dos anos 50 através das obras e do pensamento de artistas como Andy Warhol e Roy Lichtenstein, como na noção mais comumente utilizada, para designar artistas ou obras de maior alcance comercial, produtos de uma indústria *mainstream*, é recorrentemente trabalhada e despejada por Fawcett, inclusive em combinações de cânones da literatura com personagens ou super-heróis cultuados e nascidos das histórias em quadrinhos – é o caso, por exemplo, do “Batman de Dostoiévski”, uma das personalidades ditas assumidas por Júpiter Alighieri, por ele achar que o autor russo escreveria versões melhores para as histórias do “homem morcego”. O próprio codinome “original” dessa personagem já faz referência direta à literatura; no caso, ao autor italiano Dante Alighieri, e ao planeta Júpiter do sistema solar, espaço recorrentemente utilizado como ambientação para narrativas de ficção científica, como em *Vitória Involuntária*, de Isaac Asimov, sendo ainda citado por outros escritores como Júlio Verne em *Hector Servadac* e Voltaire em *Micrômegas*.

Os exemplos da utilização constante de um imaginário multimídia/midiático no livro de Fawcett são diversos: a) na música, com a aparição de nomes como os de Jerry Lee Lewis, Blondie e Rolling Stones, e sobretudo no capítulo 43, que é todo trabalhado sob a esfera fonográfica, em uma curiosa analogia entre o som e seus ritmos e a natureza e seus climas, na composição de uma paisagem sonoro-literário-meteorológica; b) na televisão, com a extensa lista de referências a seriados norte-americanos e a figuras míticas da TV brasileira, como Renato Aragão e Chacrinha; c) no cinema, por meio da clara ligação que permeia todo o livro

com filmes de ficção científica e guerras interestelares, além da citação de obras como as de François Truffaut e da relação direta de Favelost com a cidade de controle informatizada em *Alphaville* de Jean-Luc Godard; d) nos *games*, onde muitas vezes temos a impressão de estarmos acompanhando uma narrativa de um jogo em primeira pessoa, principalmente quando do relato marcado por aspas das duas personagens humanas, Júpiter Alighieri e Eminência Paula; e) na política, com a menção de nomes como os de Ronald Reagan, George W. Bush, Mao Tsé-Tung e Josef Stalin; f) nas artes plásticas, com a aparição da descrição de paisagens que lembram quadros de Hieronymus Bosch (a própria capa do livro é uma reprodução de uma de suas telas), Pieter Bruegel e Jackson Pollock; g) nos desenhos animados de *Os Jetsons* e *Os Flintstones*; h) na ciência, com a exposição de pensamentos de Charles Darwin e Lévi-Strauss, entre outros; i) na própria literatura, com a referência e a menção de livros como *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury, de Shakespeare, através dos constantes “ataques hamléticos” disparados pela população de Favelost, e de personagens de contos de fada como Rapunzel.

Dentre todas estas referências da cultura *pop*, uma em específico se destaca: as das séries de televisão. A estrutura mesma do livro, particionada, interrompida e reiterada a todo instante dentro do próprio texto incorpora, além da divisão em capítulos, um fator necessariamente fragmentário e serial. Além da já mencionada referência ao seriado *Lost*, impresso no título do livro e em eventos dentro da própria narrativa — a ideia de estar à deriva, da presença de habitantes que estão soltos não em uma ilha, mas, no caso, em uma megalópole —, temos ainda duas referências mais diretas a seriados norte-americanos: a *24 horas* e a série de zumbis como *Walking Dead*. Ao final de vários dos capítulos de *Favelost: (the book)* temos a marcação de um horário, uma forma de contagem regressiva (que, na verdade, segue uma ordem cronológica — a hora em Favelost) para o encontro entre as personagens Júpiter e Eminência, sendo seus trajetos permeados pelo atravessamento de diversas figuras pertencentes a uma multidão migrante estranha, bizarra.

Vale lembrar, ainda, a série escrita e protagonizada pelo próprio Fawcett em duas temporadas, nos anos de 2010 e 2011: *Vampiro Carioca*, onde vive uma espécie de Drácula tropical às voltas com casos policiais comumente acompanhados pela presença de personagens femininas sedutoras. Assim como em seu livro, sua série transita na abordagem de gêneros variados: terror, suspense, policial, erótico, *noir*.

Toda essa miscelânea de referências e orbitações contamina evidentemente a escrita e a literatura, tornando-as uma sucessão delirante de ligações e formando quase que um amálgama hipertextual. A escrita do autor carioca está altamente sintonizada com aspectos do contemporâneo, advindos sobretudo da experiência inevitável que temos hoje com a cibercultura, com o virtual e com o multimídia. Ao lermos seu texto, temos a impressão de navegar em um universo como o da internet, pulando de um *link* a outro, de um *site* a outro, e recebendo informações das mais diversas fontes: textual, imagética, sonora. Em um mundo onde os repertórios e a quantidade de informação acumulada nos diversos campos do saber e das artes é imensa, não haveria como não sermos inundados por uma avalanche citacional.

Narrativa, experiência e tecnologia

Favelost: (the book), como vimos, é um livro que percorre direções e aspectos paradoxais da existência no contemporâneo, mergulhando em reflexões vigentes nos dias atuais. Um outro exemplo no livro que aponta para a noção de experiência no contemporâneo se encontra no desejo cada vez mais patente do humano em prolongar sua vida, carregada simultaneamente pela ideia de que é necessário viver cada dia como se fosse o último, com níveis máximos de satisfação, contentamento e plenitude que possa haver, ocasionando um curto-circuito de querer:

Na internet a Humanidade pensa alto. Fala alto. Todas as manifestações possíveis. Antes espalhadas, agora concentradas numa tecla enter. Vai fazer o que depois da orgia? Perguntou o sociólogo. Já fizemos de tudo e somos zumbis trafegando entre ruínas recicladas? Sempre inquietos, insatisfeitos. Querendo segurança, mas apaixonados pelo perigo, querendo conhecimento, mas com medo do que pode advir da dúvida. Irascíveis e barraqueiros, mas muito a fim de criar conforto, paz, tranquilidade e estabilidade (FAWCETT, 2012, p. 216).

A experiência no contemporâneo, invadida e transformada que é por uma cibercultura, norteadora de novas formas de presença, absorção e transmissão, passa por uma impressão constante de excesso. O estreitamento e a ultrapassagem de limites na troca de experiências proporcionadas, por exemplo, pela *internet*, alcança níveis globais e instantâneos. Existem estudos que avaliam criticamente os meios pelos quais e de que formas se dão estas trocas⁶; interessa-nos neste momento, todavia, tão somente esta alta carga de transmissão múltipla de informação.

Há quase 80 anos, Walter Benjamin proclamava que as experiências deixavam de ser comunicáveis na narrativa do romance, a partir do desenvolvimento da imprensa, provedora de fontes puramente escritas e informativas. Na sua visão, o noticiário alterou e empobreceu a própria escrita romanesca, que passou a querer tudo descrever e explicar — o que podemos estender certamente aos meios de comunicação e difusão que surgiram posteriormente (como é o caso da *internet*). O pensador alemão partiu da ideia de que era a pura e simples transmissão de informação, próxima de uma vontade explicativa, e não de uma sabedoria — de uma experiência —, mais próxima da abertura para lacunas, de força subjetiva, que acabava por enfraquecer as narrativas ou a própria literatura. Segundo Benjamin:

Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. [...] A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações (BENJAMIN, 1994, p. 203).

O que diria então Benjamin hoje? A tecnologia, sobretudo computacional e digital, possibilitou uma completa exacerbação e disseminação de informações das mais diversas ordens — de memorialismos a notícias instantâneas e voláteis; de enciclopédias de criação

⁶ Alguns pensadores publicaram livros nesse sentido, entre eles estão Jean Baudrillard e Pierre Bourdieu.

e edição coletiva a obras completas e antologias digitalizadas. Um verdadeiro dilúvio informacional. No entanto, nos dias atuais a narrativa já não possui somente um caráter explicativo, e a própria ideia de narrativa passa por turbulências. A transmissão da experiência se dá muito mais em um âmbito especulativo e aberto, podendo ser coletivamente criado e recriado, tendo ainda seus espaços de divulgação ampliados. Trata-se hoje muito mais, e talvez como nunca antes, do uso que se faz dos meios. É inegável que o *ciber* está diretamente ligado à ideia de experiência — e não seria diferente com uma possível *ciberliteratura*. Neste caso, o que parece ocorrer, ao mesmo tempo, é que toda e nenhuma experiência se torna possível, pelo fato de o fluxo de informações e de transmissões ser tão intenso que dificilmente algo consegue ser retido. Parece-nos que se trata justamente de conseguir equilibrar os níveis de atenção e retenção.

Um movimento análogo ao que Pierre Lévy (1999, p. 248) constata na era da cibercultura, que faz emergir um caráter universal sem totalidade, se passa na narrativa do século XXI. Formas globais, da mais alta capacidade de mistura, começam a entrar em simbiose, podendo dizer respeito a e gerar identificação por parte das mais diversas culturas, nacionalidades e tradições do mundo, sem, no entanto, definirem um caráter unívoco, unilateral e de uniformização do ser humano — pelo contrário.

Um livro como *Favelost: (the book)* se coloca então na esteira da exposição de toda uma gama acumulativa de saberes e acontecimentos, e na construção de uma nova máquina de disseminação de experiências. Nos tempos hodiernos, parece estar garantida à memória uma possibilidade de registro facilitado na mesma medida em que este pode se liquefazer, passando anônima e imperceptivelmente.

A experiência se torna objeto em mutação acelerada, de difícil apreensão, e é finalmente neste aspecto que o livro de Fausto Fawcett acaba por se alinhar e aderir de forma definitiva ao contemporâneo.

As vidas são fragmentos de intensidade à deriva nessa bomba de ocorrências que é a vida na cidade megalópole. Cidade onde as pessoas são vetores obscenos de urgência, e a gente nunca sabe muito bem o que vai no coração da multidão. Versão mundana de um barato místico. Insignificância e iminência (FAWCETT, 2012, p. 41).

LUBLINER, C. Ciberliterature, Geocharacters, Pop Culture and Tecnoexperience — Four Perspectives of Reading for *Favelost (The Book)*, by Fausto Fawcett. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 8, n. 2, p. 71–85, 2016.

Referências

BENJAMIN, W. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. 7. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. 1. ed. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FAWCETT, F. *Favelost: (the book)*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

LEMOS, A. Ciberespaço e Tecnologias Móveis. Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura. In: MÉDOLA, A. S.; ARAÚJO, D.; BRUNO, F. (org.). *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 277-293.

LÉVY, P. *Cibercultura*. 1. ed. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *O que é o virtual?* 1. ed. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

NORBIATO, L. P. Fala Fausto Fawcett. Disponível em: <<http://www.select.art.br/entrevista-fausto-fawcett/>>. Acesso em: 17 abr. 2016.

SÜSSEKIND, F. Desterritorialização e Forma Literária. *Literatura Brasileira Contemporânea e Experiência Urbana*. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, n. 8, p. 61-80, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/viewFile/57133/60121>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

Recebido em: 17/06/2016

Aceito em: 09/09/2016